

## Breno Machado dos Santos

### Jean de Léry: O Montaigne dos viajantes

Mestrando vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora  
brenomsantos@ig.com.br

#### **Resumo**

Este artigo faz uma análise comparada entre a obra do viajante francês Jean de Léry e o ensaio “Os Canibais” de Michel de Montaigne. Além de buscar apontar a existência de semelhanças entre os dois textos - uma vez que ambos apresentam uma orientação de escrita pautada por um forte relativismo cultural - este estudo busca reforçar a peculiaridade dos escritos do calvinista dentre a produção de viajantes contemporâneos que estiveram em terras brasileiras. Ao tecer algumas críticas a determinadas práticas e costumes da sociedade europeia quinhentista, Léry, valendo-se de sua experiência entre os tupinambás durante o período em que participou do fracassado projeto “França Antártica”, nos dá um exemplo de como a curta experiência do “Novo Mundo” foi capaz de fomentar transformações na sua maneira de enxergar a sociedade europeia de seu tempo.

**Palavras-Chave:** Montaigne, Jean de Léry, Relativismo Cultural.

#### **Abstract**

This article does a compared analysis between the French voyager Jean de Léry's work and the Michel de Montaigne's audition “Os Canibais”. Besides indicating the occurrence of similarity between the texts, since both present an orientation of writing lined by a strong cultural relativism, this study pursuits to show the peculiarity that belongs to the calvinist's writings concerning the contemporaneous voyagers' production of those who were in Brazilian's lands. Doing some criticisms to certain practices and habits of the European cinquecentist society, Léry, using his experience among the Tupinambás during the period which he has participated of the unsuccessful project “França Antártica”, give us an example of how the short experience of the “Novo Mundo” was capable to promote transformations on his way to see the European society of his age.

Enviado em 07 de janeiro de 2008 e aprovado em 17 de março de 2008.

**Keywords:** Montaigne, Jean de Léry, Cultural Relativism.

## Introdução

Em um recente artigo publicado, Carlo Ginzburg buscou realizar uma leitura de “Os Canibais” de Montaigne mostrando como alguns contextos agiram na produção deste texto clássico (Ginzburg, 2007). Embora o historiador italiano tenha apontado inúmeros elementos que provavelmente teriam inspirado a Montaigne o ensaio sobre os nativos brasileiros, é particularmente em relação a uma referência presente em tal artigo que este estudo vem se debruçar: trata-se de a obra intitulada “Os verdadeiros retratos e vidas de homens famosos gregos, latinos e pagãos, baseados em seus quadros, livros medalhas antigas e modernas” do franciscano André Thevet - publicada em Paris no ano de 1584 – “ter despertado a curiosidade de Montaigne” (Ginzburg 2007: 70). Segundo Ginzburg, embora Thevet não possa ser comparado a Montaigne em originalidade e inteligência, ambos, porém “compartilhavam uma posição anti-hierárquica”, o que os permitia olhar para além dos limites da Europa (Ginzburg 2007: 71).

Ao fazer tal afirmativa, Ginzburg parece ter deixado exposta uma lacuna que merece atenção. Não seria possível incluir nesta perspectiva anti-eurocêntrica a obra Viagem à Terra do Brasil, de Jean de Léry, francês enviado juntamente com Thevet ao fracassado projeto França antártica, quando da primeira tentativa dos franceses estabelecerem uma colônia no “Novo Mundo”?

Uma leitura comparada da obra de Léry, juntamente com o ensaio “Os Canibais” de Montaigne, enfocando aspectos pautados por um agudo sentido de relativismo cultural presente em ambos os textos, nos permitirá apontar, através de muitos traços significativos, a existência de um estilo semelhante de escrita entre o livro daquele que foi apelidado por muitos como o Montaigne dos viajantes (Gaffarel, 1980: 29) e um dos principais textos do fundador do gênero literário ensaísta (Burke, 2006).

## As obras e seus contextos

Antes de partir para a análise dos conteúdos da obra de Léry e do ensaio de Montaigne, cabe, de início, realizar alguns apontamentos referentes aos diferentes contextos de produção de cada texto, assim como traçar os caminhos tortuosos que os mesmos perpassaram antes de alcançarem suas respectivas versões finais.

Nascido em La Margelle no ano de 1534, Jean de Léry pertencia a uma família de burgueses<sup>1</sup>. Em 1552, com apenas dezoito anos, Léry já se encontrava em Genebra seguindo os cursos de teologia e as prédicas orientadas por Calvino. Em 1555, após a recente fundação de uma colônia francesa na baía de Guanabara, o vice-rei da “França Antártica” Durand de Villegagnon, envia uma carta diretamente a Ítalo Calvino expondo seus projetos de que a nova colônia se tornasse uma terra onde os seus compatriotas pudessem gozar de liberdade para praticar a religião reformada (Gaffarel, 1980: 19-20). Deixado de lado o debate em relação às verdadeiras intenções do “inconstante” Villegagnon<sup>2</sup>, o fato é que quatorze genebrinos, incluindo dois pastores e o sapateiro e artesão Léry, partem para o “Novo Mundo” em 19 de novembro de 1556 (Léry 1980: 59). Após quase um ano de vivência em terras brasileiras, Jean de Léry inicia sua viagem de regresso rumo à Europa em 4 de janeiro de 1558, alcançando a Bretanha em 26 de maio do mesmo ano (Léry, 1980: 266).

---

1. Segundo Gaffarel é possível que a família de Jean de Léry fosse não de burgueses, mas sim de modestos fidalgos, uma vez que estes foram os primeiros a se tornarem seguidores da Reforma.

2. Segundo Léry, há duas hipóteses que explicam o motivo de Villegagnon ter deixado de seguir os preceitos da religião reformada: a primeira seria o fato de Villegagnon ter recebido cartas do cardeal de Lorena - irmão de Francisco de Guise, grande inquisidor de França e chefe do Partido Católico - censurando-lhe haver abandonado o catolicismo; a segunda hipótese se deve a dissimulação por parte de Villegagnon com o intuito de obter mão-de-obra para sua “empresa” (Léry 1980: 99).

Embora tenha escrito, logo após o seu retorno à Europa, uma narrativa da “Perseguição dos fiéis nas terras da América”, Léry não pretendia escrever nenhum livro (Milliet, 1980: 15). A verdadeira intenção do viajante francês era levar a Calvino diversas informações minuciosas do “Novo Mundo” com o intuito de que o relatório pudesse trazer algum tipo de benefício aos possíveis exilados da região reformada, e também de limpar de culpa a sua atuação no Brasil (Milliet, 1980: 15)<sup>3</sup>. Somente após a imposição de seus amigos é que Jean de Léry resolve compor, no início da década de 1560, uma obra relatando detalhadamente suas experiências e impressões relacionadas à viagem feita ao Brasil. No entanto, uma série de acontecimentos surpreendentes envolveu a publicação de sua narrativa. Não tendo sido impressa de imediato, o manuscrito acabou desaparecendo, obrigando o viajante calvinista a reescrevê-lo. Espantoso é o fato de a nova edição também ter sido perdida. Por fim, o mais interessante é que após todos estes percalços, a primeira edição foi encontrada no ano de 1576 e então publicada em 1578 (Gaffarel, 1980: 23)<sup>4</sup>. Uma vez que os relatos de viagens no século XVI eram extremamente cobiçados devido ao desejo de novidade dos europeus, rapidamente a obra obteve sucesso junto ao público. Posteriormente, surgiram outras edições traduzidas para o holandês, o alemão e o latim<sup>5</sup>.

Michel de Montaigne, embora tenha sido um contemporâneo de Jean de Léry, apresenta uma história de vida bastante distinta de seu conterrâneo. Nascido em 1533, Montaigne era descendente de uma família de burgueses enriquecidos e teve sua criação e educação influenciadas pela mentalidade aristocrática medieval (Chauí, 2000: 6). Quando criança, os familiares e criados eram obrigados a falar-lhe apenas em latim com o intuito de facilitar seu aprendizado da linguagem culta da época. “Além disso, um preceptor alemão, incapaz de falar vulgarmente em francês, encarregou-se de ensinar-lhe as primeiras letras no idioma de Cícero” (Chauí, 2000: 6). Aos seis anos de idade Montaigne foi enviado ao Colégio de Guyene, em Bourdeaux, onde continuou seus estudos até a adolescência. A formação em Direito constituiu o último passo de sua educação (Chauí, 2000: 6).

Além do refinado desenvolvimento intelectual, outra importante marca sempre presente nas biografias de Montaigne é a forte amizade com Etienne de la Boétie, seu companheiro inseparável nas experiências voltadas para os “divertimentos mundanos”. Com o falecimento de la Boétie no ano de 1563, a vida de Montaigne passa a sofrer profundas transformações. Envolvido por um sentimento de extrema melancolia, Michel recolhe-se em seu castelo nas terras de Montaigne, em 1570, “aspirando viver sossegadamente com os livros” (Chauí, 2000:7).

É no contexto descrito acima que Michel de Montaigne inicia a tarefa de escrever seus Ensaios, concebidos pela ausência de regras convencionais, sendo “resultados da inclinação ao devaneio, à meditação e à análise”, assim como “do costume de anotar as obras lidas quando lhe viam ao espírito tantas fantasias ‘sem ordem nem propósito’” (Chauí, 2000: 8)<sup>6</sup>. Embora os Ensaios I e II tenham começado a serem escritos em 1572, foram publicados somente em 1580, sendo que o terceiro livro foi redigido no período compreendido entre os anos de 1585 e 1588. Por fim, uma importante questão que deve ser destacada é quanto ao fato de os Ensaios só terem recebido sua versão final no início da década de 1590, uma vez que os textos eram continuamente revistos e estavam abertos para o acréscimo de novas idéias. (Chauí, 2000: 10).

---

3. Entre as principais intenções de Léry ao publicar sua obra *Viagem à Terra do Brasil* estava o combate “as mentiras e erros” presentes na “Cosmografia” de André Thevet, principalmente em relação às calúnias levantadas contra os viajantes calvinistas (Léry, 1980: 35-36).

4. A devolução da obra foi feita por um nobre fidalgo, que após ficar saber do desaparecimento do manuscrito, “de tal modo se interessou por encontrá-lo” achando-o no ano de 1576 (Léry, 1980: 35).

5. Ver: OLIVIERI, Antônio Carlos & VILLA, Marco Antônio (org). *Cronistas do Descobrimento*. Antônio Carlos de Olivieri & Marco Antônio Villa (org). Ática: São Paulo, 2000, 67-68.

GAFFAREL, P. Nota Bibliográfica. In: LÉRY, Jean de. *Viagem à Terra do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980.

6. *Grifos meus*.

## Relativismo cultural: indígenas e europeus nos escritos de Montaigne e Léry

Uma das principais características presentes nos Ensaaios de Montaigne é o ceticismo que conduz à relativização, “negando a possibilidade de o conhecimento atingir a natureza (physis) das coisas, permanecendo adstrito ao plano da convenção (nomos) humana” (Chauí, 2000: 12). Embora as formulações céticas já estivessem presentes no pensamento dos sofistas do século V a. C – entre eles Protágoras de Abdera e Górgias de Leontinos e mesmo antes, como em Xenófanes de Colofônio -, o surgimento do ceticismo como escola filosófica só ocorre no período helenístico através de Pirro de Elis (360-270 a.C). Outros filósofos como Arcesilau (315-241 a.C) e Carnéades (214-129 a.C) representaram o ceticismo que se desenvolveu a partir de determinados aspectos do platonismo, marcando um dos principais períodos do ceticismo grego ligado a Academia platônica, também chamada de Nova Academia. As obras de Ptolomeu de Cirene e, principalmente de Enesidemo de Cnossos e Sexto Empírico – sendo este uma das principais influências de Montaigne -, marcaram, durante os séculos II e III da era cristã, a última fase do ceticismo grego (Chauí, 2000: 12).

No ensaio “Os Canibais”, a relativização surge nos escritos de Montaigne na medida em que o autor vai expondo suas idéias em relação à sociedade indígena e a civilização européia. Montaigne não vê “nada de bárbaro ou selvagem no que dizem daqueles povos [indígenas]; na verdade, cada qual considera bárbaro o que não se pratica em sua terra” (Montaigne, 2000: 195). Neste sentido, prossegue Montaigne,

Esses povos não me parecem, pois, merecer o qualificativo de selvagens somente por não terem sido senão muito pouco modificados pela ingerência do espírito humano e não haverem quase nada perdido de sua simplicidade primitiva (...) Ninguém concebeu jamais uma simplicidade natural elevada a tal grau, nem ninguém jamais acreditou pudesse a sociedade subsistir com tão poucos artifícios (Montaigne, 2000: 196).

Após deixar claro seu julgamento sobre a natureza das sociedades “primitivas”, Montaigne vale-se das comparações como recurso de escrita, o que lhe permite tecer duras críticas em relação aos hábitos e costumes pertencentes aos habitantes do “Velho Mundo”.

Ao descrever algumas práticas presentes nas guerras travadas pelos tupinambás, que culminavam na morte do prisioneiro através dos ritos antropofágicos, Montaigne explicita

Não me parece excessivo julgar bárbaros tais atos de crueldade, mas que o fato de condenar tais defeitos não nos leve à cegueira acerca dos nossos. Estimo que é mais bárbaro comer um homem vivo do que o comer depois de morto; e é pior esquartejar um homem entre suplícios e tormentos e o queimar aos poucos, ou entregá-lo a cães e porcos, a pretexto de devoção e fé, como não somente o lemos mas vimos ocorrer entre vizinhos nossos conterrâneos; e isso é bem mais grave do que assar e comer um homem previamente executado (...) Podemos portanto qualificar esses povos como bárbaros em dando apenas ouvidos à inteligência, mas nunca se os compararmos a nós mesmos, que os excedemos em toda sorte de barbaridades (Montaigne, 2000: 199).

Em uma outra passagem, destinada a falar sobre o costume da poligamia presente em muitos grupos étnicos ameríndios, Montaigne expõe mais uma comparação:

Os homens têm várias mulheres, em tanto maior número quanto mais famosos e valentes. Particularidade que não carece de beleza, nesses lares o ciúme, que entre nós impele nossas esposas a impedir que busquemos a amizade e as boas

graças de outras mulheres, entre elas a induzir a arranjam outras para seus maridos (Montaigne, 2000: 202).

Por fim, embora o ensaio de Montaigne apresente outras passagens relacionadas à exaltação das sociedades indígenas em detrimento da civilização européia – como, por exemplo, os parágrafos destinados à falta de cobiça, assim como a valentia e honra dos nativos - cabe apenas citar mais um exemplo: trata-se do episódio da visita dos indivíduos tupinambás à corte francesa.

Três dentre eles (e como lastimo que se tenham deixado tentar pela novidade e trocado seu clima suave pelo nosso!), ignorando quanto lhes custará de tranqüilidade e felicidade o conhecimento de nossos costumes corrompidos, e quão rápida será sua perda, que suponho já iniciada, estiveram em Rouen quando ali se encontrava Carlos IX (...) Alguém lhes havendo perguntado mais tarde o que pensavam da cidade e o que ela lhes tinha revelado, citaram três coisas. Esqueci a terceira, e o lamento, mas lembro-me das duas outras. Disseram antes de tudo que lhes parecia estranho tão grande número de homens de alta estatura e barba na cara, robustos e armados e que se achavam junto do rei (provavelmente se referiam aos suíços da guarda) se sujeitassem em obedecer a uma criança e que fora mais natural se escolhessem um deles para o comando. Em segundo lugar observaram que há entre nós gente bem alimentada, gozando as comodidades da vida, enquanto metades de homens emagrecidos, esfaimados, miseráveis mendigam às portas dos outros (...) e acham extraordinário que essas metades de homens suportem tanta injustiça sem se revoltarem e incendiarem as casas dos demais (Montaigne, 2000: 202-203).

Partindo para a obra de Léry podemos constatar, além da descrição do *modus vivendi* e dos costumes dos tupinambás – aliás, feita de maneira minuciosa -, a também existência de um elevado e explícito relativismo cultural. Segundo Sérgio Milliet,

Léry revela em toda a sua obra uma qualidade notável, raríssima em seu tempo de paixões e preconceitos e só encontrável atualmente, no senso dos espíritos mais adiantados de nossa civilização ocidental: o senso de relatividade dos costumes, a simpatia, no sentido sociológico da palavra, que conduz à compreensão dos semelhantes e a análise objetiva de suas atitudes. Esse estado de espírito, que comporta certo ceticismo muito do gosto científico, nós o observamos em alguns grandes escritores do Renascimento, principalmente em Montaigne, que por tantas outras características, inclusive o estilo, se aparenta a Jean de Léry (Milliet, 1980: 16).

Assim, vejamos algumas passagens da obra *Viagem à Terra do Brasil* que dão sustentação às idéias expostas acima. O primeiro exemplo refere-se à justificativa dada pelo francês ao fato de muitos indígenas alcançarem 120 anos de idade, sendo a maioria dos velhos desprovidos de cabelos brancos ou grisalhos. Segundo Léry, além do bom clima da terra, o outro motivo de tal fenômeno é o fato de os nativos se preocuparem pouco com as coisas deste mundo.

E de fato nem bebem eles nessas fontes lodosas e pestilenciais que nos corroem os ossos, dessoram a medula, debilitam o corpo e consomem o espírito, essas fontes em suma que, nas cidades, nos envenenam e matam e que são a desconfiança e a avareza, os processos e intrigas, a inveja e a ambição. Nada disso tudo os inquieta e menos ainda os apaixona e domina, como adiante mostrarei. E parece que haurem todos eles na fonte da Juventude (Léry, 1980:112).

Outro exemplo de acentuado relativismo cultural pode ser visto nas palavras do calvinista francês quando se refere à nudez dos nativos.

Antes porém de encerrar este capítulo, quero responder aos que dizem que a convivência com esses selvagens nus, principalmente entre as mulheres, incita à lascívia e à luxúria. Mas direi que, em que pese as opiniões em contrário, acerca da concupiscência provocada pela presença de mulheres nuas, a nudez grosseira das mulheres é muito menos atraente do que comumente imaginam. Os atavios, arrebiques, postiços, cabelos encrespados, golas de rendas, anquinhas, sobre saias e outras bagatelas com que as mulheres de cá se enfeitam e de que jamais se fartam, são causas de males incomparavelmente maiores do que a nudez habitual das índias, as quais, entretanto, nada devem às outras quanto à formosura (...). O que disse é apenas para mostrar que não merecemos louvor por condená-los austeramente, só porque sem pudor andam desnudos, pois os excedemos no vício oposto, no da superfuidade de vestuário (Léry, 1980: 121).

As idéias de Léry em relação à poligamia tupinambá também são semelhantes às de Montaigne.

(...) podem os homens ter quantas mulheres lhe apraz e quanto ter quantas mulheres lhe apraz e quanto maior o número de esposas mais valentes são considerados, o que transforma portanto o vício em virtude (...) O que me parece admirável é que havendo sempre uma, entre elas, mais amada do marido, não se revoltam as outras e nem sequer demonstrem ciúmes (...) E deixo aos meus leitores considerarem se, ainda que não fosse proibido por Deus ter mais de uma mulher, se acomodariam as européias com esse regime matrimonial. Melhor seria condenar um homem às galés do que metê-lo no meio de tanta intriga e ciumeira (...) Como poderiam as nossas damas viver unidas se o simples preceito, imposto por Deus à mulher, de ajudar e socorrer o marido, já as torna o demônio familiar das próprias casas? (Léry, 1980: 224).

Uma última passagem que merece destaque refere-se ao episódio em que Léry faz considerações a respeito da partida dos calvinistas das terras brasileiras.

(...) muitos dentre nós, que haviam encontrado na terra meios de servir a Deus e apreciavam a fertilidade do país, não desejarem regressar à França, onde as dificuldades eram então e são ainda incomparavelmente maiores no que concerne à religião e mesmo à vida cotidiana. E teriam ficado se não fora o tratamento recebido de Villegagnon. Assim, ao dizer adeus à América, aqui confesso, pelo que me respeita, que, embora amando como ainda amo a minha pátria, vejo nela a pouca ou nenhuma devoção que ainda subsiste e as deslealdades que usam uns para com os outros; tudo aí está italianizado e reduzido a dissimulações e palavras vãs, por isso lamento muitas vezes não ter ficado entre os selvagens nos quais como amplamente demonstrei, observei mais franqueza do que em muitos patrícios nossos com rótulos de cristão (Léry 1980: 250-251).

Assim, acredito que a partir dos fragmentos citados acima já nos é possível relacionar os escritos de Montaigne e de Jean de Léry, na medida em que o relativismo cultural é uma forte marca presente em ambos os textos.

## Conclusão

Ao analisar, através de uma leitura comparada, a obra do calvinista francês Jean de Léry juntamente como um dos mais importantes ensaios de Montaigne – “Os Canibais” -, podemos confirmar a presença, em ambos os textos, de um claro sentido de relativismo cultural atuante no pensamento de tais autores.

Assim, podemos, primeiramente, apontar a existência de um caráter peculiar na obra de Léry, se posta lado a lado com a produção de outros viajantes que estiveram em terras brasileiras no século XVI (entre eles Hans Staden, Ulrich Schmidel, André Thevet, Anthony Knivet), assim como na produção intelectual dos primeiros missionários jesuítas. Imbricados em uma estrutura imaginária vinculada ao universo europeu, a maior parte dos viajantes quinhentistas apresentavam dificuldades em se desvencilhar das formas de pensamento herdadas do “Velho Mundo”. De acordo com Laura de Mello e Souza, os escritos produzidos durante os três séculos de colonização no Brasil - sejam de religiosos, cronistas ou viajantes - são, de maneira geral, marcados por uma visão negativa quando tratavam da humanidade dos indígenas, que, por sua vez, é caracterizada por três níveis de percepção: como uma outra humanidade (exótica), como animais, ou ainda, como demônios (Souza, 1986).

Daí a necessidade de afirmar a importância dos escritos de Léry, comparáveis aos de Montaigne, na medida em que conseguiu romper com o etnocentrismo europeu, promovendo importantes reflexões e questionamentos sobre as idéias em voga no “Velho Mundo”.

Por outro lado, cabe uma segunda e última questão que remete às idéias de Ginzburg citadas no início deste artigo: Uma vez tendo sido apontado uma influência da obra de Thevet nos Ensaios de Montaigne, não seria possível fazer o mesmo com a obra de Léry?

Segundo Ginzburg, a história pode ser reconstruída com base em rastros, indícios, sendo que tal processo implica, implicitamente, uma série de conexões naturais e necessárias. Fora de tais conexões naturais, cabe ao historiador se mover no âmbito do verossímil, do provável (Ginzburg, 2002: 57-58).

Desta forma, muitos elementos tratados por este artigo podem nos induzir a considerar o contato de Montaigne com a obra de Léry. Entre eles está o fato de serem autores contemporâneos e conterrâneos. Além disso, nada impede de levantarmos a hipótese de as desconhecidas trajetórias das duas edições perdidas por Léry – escritas em um momento anterior aos Ensaios – terem passado pelas mãos de Montaigne, um rico e erudito colecionador de “objetos” que remetiam a viagens por terras desconhecidas e exóticas<sup>7</sup>.

No entanto, o fato de o ensaio “Os Canibais” apresentar um acentuado relativismo cultural, assim como inúmeras informações referentes à sociedade indígena tupinambá, pode também encontrar explicações que não necessitam perpassar por relações com a obra de Léry.

Primeiramente, é difícil acreditar que o relativismo cultural apresentado por Montaigne tenha sido influenciado pela obra de Léry, uma vez que tal pensamento filosófico encontra suas raízes na Antigüidade Clássica, berço dos principais autores apreciados por Montaigne. No máximo, talvez se possa considerar, no caso de o ensaísta ter tido o contato com a obra de Léry, o fato de esta ter despertado uma admiração no nobre erudito.

Em segundo lugar, em relação às descrições da cultura e modo de vida dos tupinambás presentes no texto de Montaigne, devemos apontar que o ensaísta afirma ter conseguido reunir dados através de informações coletadas pela conversa – por meio de um intérprete - com um dos três indígenas levados a Rouen (Montaigne, 2000: 203), assim como ouvindo o relato de um viajante que “permanecera dez ou doze anos” no lugar a que Villegaignon deu o nome de “França Antártica”. (Montaigne, 2000: 193).

Assim, embora tais apontamentos não nos permitam alcançar alguma conclusão, fica lançada a sugestão para que os estudiosos de Montaigne possam esclarecer a questão do possível

7. Reforça tal hipótese o evento exposto na nota de número 4.

contato por parte de um dos mais célebres pensadores quinhentistas com a obra do simples Jean de Léry, o “Montaigne dos viajantes”.

## **Bibliografia**

### **Relatos Coloniais e Documentos Impressos**

ANCHIETA, José de. Informações, fragmentos históricos e sermões. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1988.

CARDIM, Fernão. Tratados da terra e Gente do Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980.

CARTAS AVULSAS (Azpicuelta Navarro e outros). Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1988.

GÂNDAVO, Pero de Magalhães de. A primeira história do Brasil: história da província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

LÉRY, Jean de. Viagem à Terra do Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980.

KNIVET, Anthony. Incríveis aventuras e estranhos infortúnios de Anthony Knivet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

NÓBREGA, Manoel da. Cartas do Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1988.

SOUZA, Gabriel Soares de. Tratado Descritivo do Brasil em 1587. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

STADEN, Hans. Duas viagens ao Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1974.

THEVET, André. As singularidades da França Antártica. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1978.

### **Livros e Artigos**

ANDRADE, Oswald de. A Utopia Antropofágica. São Paulo: Globo, 2005.

BURKE, Peter. Montaigne. São Paulo: Edições Loyola, 2006. (Coleção Mestres do Pensar).

CERTEAU, Michel de. A escrita da história. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CHARTIER, Roger. Inscrever e apagar: Cultura escrita e literatura (séculos XI-XVIII). São Paulo: Editora UNESP, 2007.

CHAUÍ, Marilena de Souza. Vida e Obra. In: MONTAIGNE, Michel de. Ensaios I. São Paulo: Editora Nova Cultura, 2000. (Coleção Os Pensadores).

GAFFAREL, Paul. Notícia Biográfica & Nota Bibliográfica. In: LÉRY, Jean de. Viagem à Terra do Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980.

- GINZBURG, Carlo. *Relações de Força: História, Retórica, Prova*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- \_\_\_\_\_. *O fio e os rastros: Verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Olhos de Madeira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- LACAPRA, Dominick. *Historia intelectual: Repensar la historia intelectual y leer textos*. In: PALTI, José Elías. "Giro lingüístico" e historia intelectual. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1998.
- MILLIET, Sérgio. Jean de Léry. In: LÉRY, Jean de. *Viagem à Terra do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980.
- MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio I*. São Paulo: Editora Nova Cultura, 2000. (Coleção Os Pensadores).
- SAID, Edward. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SOUZA, Laura de Mello e. *O Diabo e a Terra de Santa-Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.